

**MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA**

CLASSE DE LETRAS

Homenagem a Américo da Costa Ramalho

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA**

LISBOA • 2025

Título: Homenagem a Américo da Costa Ramalho

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2025

DOI: <https://doi.org/10.58164/vwgd-1s89>

Homenagem a Américo da Costa Ramalho

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

Falar numa sessão de homenagem ao Doutor Américo da Costa Ramalho é, em simultâneo, um desafio, mas também um enorme gosto pessoal e uma grande honra.

A sua biografia e o seu *curriculum* são sobejamente conhecidos de todos os presentes e foram já recordados pelos oradores anteriores e, sobretudo, pelo meu colega e amigo Carlos Ascenso André de uma forma brilhante, como ele nos vem habituando.

Importa, pois, apresentar uma recordação pessoal da minha ligação ao Doutor Costa Ramalho, sublinhando, aqui e ali, um e outro episódio, que, embora possam parecer fazer parte da sua vida privada, não deixam de mostrar o Homem e o Académico de altíssimo gabarito de que todos nos recordamos.

Comecei a conhecer o Doutor Costa Ramalho quando estava a iniciar o meu (antigo) sexto ano do Liceu. Não foi, obviamente, através de um conhecimento pessoal, mas antes através da utilização semanal do livro oficial de grego, de que ele era autor, juntamente com Abílio Perfeito.

Quando ingressei em Filologia Clássica na Universidade de Coimbra (era assim que, na altura, o curso se chamava), o Doutor Costa Ramalho não fazia parte do corpo docente por se encontrar, nesses tempos, no Brasil, de onde havia de regressar, durante o meu segundo ano do curso.

Mesmo não estando presente fisicamente, notava-se a sua presença no Instituto de Estudos Clássicos. Na verdade, além do seu gabinete no corredor entre as duas salas do Instituto, o seu nome aparecia com frequência em conversas, nomeadamente em órgãos de gestão a que comecei a pertencer em representação dos alunos.

Quando, finalmente chegou, deparámo-nos com uma figura imponente e simpática. De facto, dava bem nas vistas quer pela sua estatura, quer pela farta cabeleira completamente branca, quer por utilizar um tom de voz que se ouvia bem ao longe, quer ainda por trazer um guarda roupa bastante marcado pela sua

presença no Brasil, nomeadamente fatos muito claros, o que não era nada comum na altura em Portugal. Mas, mais do que a sua figura física, desde logo nos marcou a sua simpatia que, aliás, era umas das marcas distintivas de praticamente todos os professores do Instituto de Estudos Clássicos.

Como aluno, tive aulas com ele na Licenciatura, em Literatura Latina (trabalhou, essencialmente, Cícero e Horácio, mas deu-nos, desde logo, a possibilidade de conhecermos a receção de Horácio no Renascimento Português), mas também no Mestrado (trabalhámos, sobretudo, o P.^e José de Anchieta) e, finalmente, fui seu orientando de doutoramento, trabalhando na obra *De Gloria* do português Jerónimo Osório que, mais tarde, viria a ser Bispo de Silves.

No seminário de mestrado tínhamos habitualmente mais três colegas, vindos propositadamente de Lisboa para estas aulas, os meus colegas e amigos Arnaldo Espírito Santo, João Beato, entretanto já falecido, e João Daniel Lourenço, que enveredou por outros caminhos.

Quando eu ou os meus colegas tínhamos dúvidas sobre a interpretação de um texto em Latim, recordo-me, como se fosse hoje, de um procedimento que ele adotava e que, na primeira vez, me deixou algo perplexo, embora depois compreendesse toda a sua amplitude.

Se a nossa dúvida fosse sobre uma pequena frase no final de uma página, ele começava sempre por dizer: “Vamos lá ver o contexto” e começava a ler em voz alta o texto antecedente e, normalmente, ou no início da página ou até na página anterior. A própria leitura em voz alta do Latim servia para a compreensão do texto e a nossa dificuldade acabava por ser resolvida quase de imediato.

Permitam-me relembrar dois pequenos episódios que muito me tocaram pessoalmente.

Ainda na altura em que eu era aluno, lembro-me de um conselho que ele me veio pedir sobre a posição que deveria tomar numa situação que, para ele, era algo melindrosa, já que estávamos naqueles tempos agitados e buliçosos pouco posteriores ao 25 de abril, e recordo-me também de um gesto simpático que teve para comigo, quando, por motivos pessoais, não pôde ir a um almoço de final de ano que eu estava a organizar. Por norma, esses almoços eram anunciados e quem tinha disponibilidade inscrevia-se e quem não podia não dizia nada. Mas ele teve o cuidado de vir falar comigo para me explicar os motivos que o impediam de estar presente.

Alguns anos mais tarde, já como docente do Instituto de Estudos Clássicos trabalhei com ele em várias situações distintas:

partilhando a leção de uma disciplina — Grego II — recordo que ele foi, claramente, *peritus in utraque lingua*;

sendo, sob a sua presidência, secretário do Instituto de Estudos Clássicos durante alguns anos, até à sua jubilação;

colaborando com ele, e com outros colegas, na organização do Congresso Internacional sobre Humanismo Português, realizado em 1991.

Permitam-me que partilhe uma história real que aconteceu durante a leção de Grego II. Houve um aluno, trabalhador-estudante, que teve uma nota baixa e resolveu inscrever-se para melhoria de nota. Havia um acordo de distribuição de tarefas entre nós para os exames: de forma alternada, um elaborava e corrigia o exame escrito e o outro fazia a prova oral. Neste caso concreto, coube-me a elaboração e correção da prova escrita e o aluno obteve apenas uma nota equivalente à que tinha tido anteriormente. Chegámos à prova oral, feita pelo Doutor Costa Ramalho, e esta não correu nada bem. O próprio aluno, que já não era um juvenzinho, teve consciência da situação e, no final, pediu desculpa por nos ter feito perder tempo. E, nesta altura, o Doutor Costa Ramalho, fez um comentário que quase me deixou boquiaberto. Disse ele: “Ó homem? Não se ponha aí com esses cantos de Jeremias, porque nós ainda não lhe atribuímos a nota final.”

E depois, na breve reunião em que discutimos a nota a atribuir, propôs uma nota com dois valores a mais em relação à nota anterior do aluno, argumentando que ele era trabalhador-estudante e que o facto de se ter inscrito para este exame o obrigou a estudar novamente a matéria e, seguramente, a ficar a saber mais grego do que aquilo que sabia anteriormente e, por isso, deveríamos compensar esse seu esforço e aprendizagem. Como é óbvio, não contestei a nota: para todos os efeitos, o regente da disciplina era o Doutor Costa Ramalho que, além disso, era professor catedrático, enquanto eu era um simples assistente com plena consciência do meu lugar a esse nível, tanto mais que conhecia uma famosa história (que me foi contada por um dos intervenientes, quando eu estava ligado à Universidade dos Açores) em que o Professor Vitorino Nemésio obrigava os seus assistentes na Universidade de Lisboa a assistirem às suas aulas teóricas, dizendo simplesmente: “assistente é para assistir”.

Recordo ainda a organização do Congresso Internacional *Humanismo português na época dos Descobrimentos*, realizado em Coimbra entre os dias 9 e 12 de outubro de 1991, onde, no último dia, tivemos a oportunidade de lhe cantar os parabéns já que celebrou nesse dia o seu septuagésimo aniversário e onde foi notória a boa aceitação que o Doutor Costa Ramalho tinha perante muitíssimas pessoas e instituições. De facto, bastava uma simples carta assinada por ele para nos ser concedido um bom subsídio para a realização do referido congresso.

Permitam-me ainda que partilhe duas fotografias:



A primeira, do dia 9 de março de 1995, no Teatro Romano de Mérida, numa viagem que organizei e onde tivemos como cicero o saudoso Doutor Louro Fonseca, que também aparece na fotografia e que acabaria por falecer nesse ano; foi nesse mesmo ano que eu me transferi para a Universidade de Aveiro.

A segunda, em Aveiro, no dia 21 de dezembro de 2005, por altura da realização das provas de doutoramento do meu colega António Andrade.



Para terminar, foi um gosto e, sobretudo, um enriquecimento enorme e constante poder ter conhecido e ter trabalhado de perto com o Doutor Américo da Costa Ramalho. A sua opção pelo estudo do Humanismo português foi, claramente, uma opção de um mestre que, no seu longo percurso de investigação, criou uma escola que ainda continua na atualidade, multiplicando-se, aliás, por várias universidades portuguesas.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 26 DE OUTUBRO DE 2021

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 17 DE NOVEMBRO DE 2021